Īśā Upaniṣad[1]

(Nº 1. Mukhya. Yajur-Veda Branco)

Tradução em inglês de Robert Ernest Hume - 1921

Tradução em português de Eleonora Meier - 2018

Reconhecimento da unidade subjacente à diversidade do mundo

1. Envolvido pelo Senhor (*īśā*) deve tudo isso estar –
Toda coisa movente que há no mundo movente.
Tendo renunciado a isso, você pode desfrutar.
Não cobice a riqueza de ninguém.

Não-apego às ações na pessoa de um renunciante

2. Mesmo enquanto faz ações aqui,
Pode-se desejar viver cem anos.
Assim, para você – não é diferente disso –
A ação (*karman*) não adere ao homem.

O futuro ameaçador para os matadores do Eu

3. Diabólicos (*asurya*[2]) aqueles mundos são chamados[3],
Cobertos de escuridão sombria (*tamas*)!
Para eles, ao morrerem, vão
Todas as pessoas que são matadoras[4] do Eu.[5]

O todo-transcendente e paradoxal ser do mundo

4. Imóvel, o Único (*ekam*) é mais rápido que a mente.
Os poderes dos sentidos (*deva*) não chegam a Ele, que acelera à frente.
Ultrapassando os outros que correm, Ele fica parado.
NEle Mātariśvan coloca ação.[6]

5. Ele se move. Ele não se move.
Ele está longe, e Ele está perto.
Ele está dentro de tudo isso,
E Ele está fora de tudo isso.[7]

---

[1] Assim chamada por sua primeira palavra; ou às vezes 'Īśāvāsyam', pelas suas primeiras duas palavras, ou às vezes a 'Vājasaneyi Saṃhitā Upaniṣad', pelo nome da recensão do Yajur-Veda Branco da qual essa Upaniṣad forma o capítulo final ou quadragésimo.

[2] Compare com as pessoas chamadas de 'diabólicas', *āsura*, na Chānd. 8. 8. 5. Uma leitura variante aqui (de acordo com um literalismo interpretado na linha seguinte) é *a-sūrya*, 'sem sol'.

[3] A palavra *nāma* aqui pode significar 'certamente' em vez de 'chamados'.

[4] Essa ideia está em nítido contraste com a doutrina da Kaṭha 2.19d (e BhG. 2.19), onde é afirmado que 'ele [isto, é o Eu] não mata, nem é morto'. A palavra *ātma-han* aqui, naturalmente, é metafórica, como 'reprimir', 'sufocar', 'suprimir completamente'.

[5] A estrofe inteira é uma variação da Bṛh. 4.4.11.

[6] Conforme o Comentário. Mas *apas* pode se referir, cosmogonicamente, às 'águas primordiais'.

[7] As mesmas ideias que nessa estrofe, embora não todas as mesmas palavras, se repetem na BhG. 13.15a, b, d.

6. Agora, aquele que considera todos os seres
Como apenas (*eva*) no Eu (Ātman),
E o Eu como em todos os seres – [8]
Ele não se afasta dEle.[9]

7. Em quem todos os seres
Tornaram-se apenas (*eva*) o Eu do discernente –
Então qual ilusão (*moha*), qual tristeza (*soka*) existe
Para aquele que percebe a unidade?

Características do soberano do mundo

8. Ele circundou. O brilhante, o incorpóreo, o incólume,
O sem tendões, o puro (*śuddha*), intocado pelo mal (*a-pāpaviddha*)!
Sábio (*kavi*), inteligente (*manīṣin*), abrangente (*paribhū*), autoexistente (*svayambhū*),
Apropriadamente, ele distribuiu objetos (*artha*) através dos anos eternos.

Transcendendo, enquanto envolvendo, a antítese do conhecimento

9. Em escuridão sombria entram aqueles
Que adoram a ignorância,
Em escuridão maior do que essa, por assim dizer, aqueles
Que se deleitam no conhecimento.[10]

10. Diferente, de fato, dizem, do conhecimento!
Diferente, dizem, do não-conhecimento![11]
– Assim nós ouvimos do sábio (*dhīra*)
Que O explicou para nós.

11. Conhecimento e não-conhecimento
Aquele que conhece esse par conjuntamente (*saha*),
Com o não-conhecimento passando pela morte,
Com o conhecimento ganha o imortal.[12]

A inadequação de qualquer antítese de ser

12. Em escuridão sombria entram aqueles
Que adoram o não-devir (*a-sambhūti*),
Em escuridão maior do que essa, por assim dizer, aqueles
Que se deleitam no vir a ser (*sambhūti*)

---

[8] Essa presença universal é reivindicada por Krishna para si mesmo na BhG. 6.30a, b.
[9] A palavra indefinida *tatas* pode significar 'desses seres', ou 'desse Eu' ou 'a partir desse momento', ou abundantemente todos esses. – A linha inteira se repete na Bṛh. 4.4.15d, Kaṭha 4.5d, 4.12d.
[10] Essa estrofe é idêntica à Bṛh. 4.4.10.
[11] Tanto o conhecimento quanto a falta de conhecimento são insuficientes para compreender o Supremo. [Ou: 'Diferente, de fato, dizem, é o resultado (alcançado) por *vidyā* e diferente, de fato, dizem, é o resultado (alcançado) por *avidyā'.* – Vidyavachaspati V. Panoli].
[12] ['Aquele que conhece *vidyā* e *avidyā* juntas, transcende a mortalidade através da *avidyā* e atinge a imortalidade através da *vidyā'*. – Idem].

13. Diferente, de fato – dizem – da origem (*sambhava*)!
Diferente – dizem – da não-origem (*a-sambhava*)!
– Assim nós ouvimos dos sábios
Que O explicaram para nós.

Devir e destruição – uma dualidade fundamental

14. Devir (*sambhūti*) e destruição (*vināśa*)
Aquele que conhece esse par conjuntamente (*saha*),
Com o não-conhecimento passando pela morte,
Com o conhecimento ganha o imortal.

A oração de uma pessoa moribunda

15. Com um vaso de ouro[13]
A face do Real é coberta.
Essa que você, Pūṣan, revele
Para aquele cuja lei é o Real[14] ver.[15]

16. Ó Nutridor (*pūṣan*), o único Vidente (*ekarṣi*), ó Controlador (*yama*), ó Sol (*sūrya*), prole de Prajāpati, espalhe os seus raios! Reúna o seu brilho (*tejas*)![16] O que é a sua forma mais bela – essa de você eu vejo. Aquele que é a Pessoa (*puruṣa*) além, além, eu mesmo sou Ele!

17. [A minha] respiração (*vāyu*) para o vento imortal (*anila*)![17] Esse corpo então acaba em cinzas! *Om*!
Ó Propósito (*kratu*[18]), recorde! Recorde o ato (*kṛta*)!
Ó Propósito, recorde! Recorde o ato!

Oração geral de petição e adoração

---

[13] O sol.

[14] Para o peticionário (que se chama de '*satya-dharma'*) perceber; ou 'Para Aquele cuja lei é a Verdade (ou, verdadeira) ser visto', [como, por exemplo, para Savitṛ, RV. 10.34.8; 10.139.3; ou o Criador Desconhecido, RV. 10.121.9, VS. 10.103; ou Agni, RV. 1.12.7]; ou, 'Para aquele [neutro] que tem o Real como sua natureza [ou, essência; ou, lei] ser visto'.

[15] Essas linhas ocorrem com pequenas variações na *Bṛh*. 5.15.1.

[16] De acordo com essa tradução a ideia é totalmente honorífica da refulgência do sol. Ou, com um agrupamento diferente de palavras, o significado pode ser 'Espalhe os seus raios [para que eu possa entrar através do sol (bem como perceber – de acordo de acordo com a petição anterior) no Real; então] recolhe [os teus raios novamente, como normal]. O brilho que é a sua forma mais bela, ...'. Na melhor das hipóteses a passagem tem um significado místico obscuro.

[17] Essa fórmula se repete na *Bṛh*. 5.15. A ideia de que, na morte, as várias partes do homem microcósmico voltam para os elementos correspondentes do macrocosmo é expressa várias vezes na literatura sânscrita. Com a menção específica aqui, compare 'seu espírito (*ātman*) para o vento (*vāta*)' no Hino da Cremação, RV. 10.16.3a; 'com sua respiração (*prāṇa*) para o vento (*vāyu*),' Śat Br. 10.3.3.8, 'sua respiração (*prāṇa*) para vento (*vāta*),' *Bṛh*. 3.2.13; e até sobre o animal sacrifical, 'sua respiração (*prāṇa*) para o vento (*vāta*),' Ait. Br. 2.6.

[18] Compare com a afirmação na Chānd. 3.14.1, 'Agora, realmente, uma pessoa consiste em propósito (*kratu-māyā*)'.

18. Ó Agni, por um bom caminho nos leva para a prosperidade (*rai*),
Ó Deus que conhece todos os caminhos!
Mantenha longe de nós o pecado tortuoso (*enas*)![19]
A mais ampla expressão de adoração a você nós prestaremos![20]

---

[19] Outras orações para se livrar do pecado (*enas*, compare também com *āgas*) estão no RV. 1.24.9d; 3.7.10d; 7.86,3a, 4d; 7.88.6c; 7.89.5c, d; 7.93.7c, d; 8.67(56).17; 10.35.3a, c; 10.37.12; AV. 6.97.2d; 6.115.1,2,3; 6.116.2,3; 6.117; 6. 118; 6.119; 6.120.

[20] Essa estrofe é idêntica ao RV. 1.189.1 e a segunda linha também ao AV. 4.39.10b.